

Este livro é a estória de um menino que gosta da Natureza e por isto fica amigo de todos os animais. Solitário, porque sem pai e mãe, e criado por um velho em uma fazenda, acaba fazendo de um macaco esperto e vivo o seu melhor amigo.

Mas acontece que, um dia, o macaco desaparece e o menino se sente mais só ainda.

O final, porém, é feliz. Num circo, de repente . . .

Mas, vamos ler a estória, sem tirar o seu fim cheio de surpresas.

Ela foi escrita por uma mineira de Montes Claros, Virgínia Schall, que é psicóloga, foi professora da PUC—MG e hoje está no Rio, como pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. Sua estréia em literatura se faz agora, mas este livro prova que ela é realmente uma *escritora para crianças*.



# CARVÃOZINHO

028  
S298  
1984  
Ex. 01

V. 26



Copyright 1984 by  
Virgínia Schall

Editor:  
André Carvalho  
Capa e ilustrações:  
Rosa Maria

Uma publicação da



Rua Tobias Barreto, 255  
Tels.: (031) 332-0641 e 332-0933  
Belo Horizonte - MG

Não encontrando este livro em sua livraria  
predileta, peça-o pelo Reembolso Postal.

## I – NA FAZENDA

**U**m menino pretinho, pretinho. No rosto miúdo, dois olhos acesos e brilhantes pareciam querer lambar o mundo e todas as suas coisas.

Mãe não tinha, nem pai. Fora encontrado no primeiro degrau da escada da fazenda, enrolado em pano de saco de farinha. O velho Genaro levou o menino para seu quarto, junto ao paiol onde vivia cercado de animais. Vô Genaro, como era conhecido pela redondeza, apelidou o novo hóspede de Carvãozinho, tão escuro ele era. Passou a cuidar do menino com muito carinho, assim como tratava a todos que precisavam de ajuda. O quarto de Vô Genaro era muito pobre, mas, também, muito alegre. Nos cantos do telhado, vários ninhos de passariño abrigavam filhotes. De manhã, Carvãozinho era acordado

pelo canto de canários, bem-te-vis, sabiás, ou outros pássaros diferentes, que vinham trazendo nos bicos o alimento para seus filhinhos. Em tempo de frio, havia dificuldade de encontrar comida. Vô Genaro, então, lhes dava de comer, nas mãos envelhecidas. Assim, os ninhos nunca ficavam vazios. Até parecia haver um código secreto entre as aves, que espalhavam a bondade do velho Genaro. Não fosse ele, Carvãozinho teria sido recolhido em uma casa sombria na vila, junto a outras crianças sem pais. Lá, ele viveria distante das coisas do mundo, sem alguém para lhe dar um pouco de afeto. E logo ele que, desde cedo, parecia muito carinhoso e inquieto.

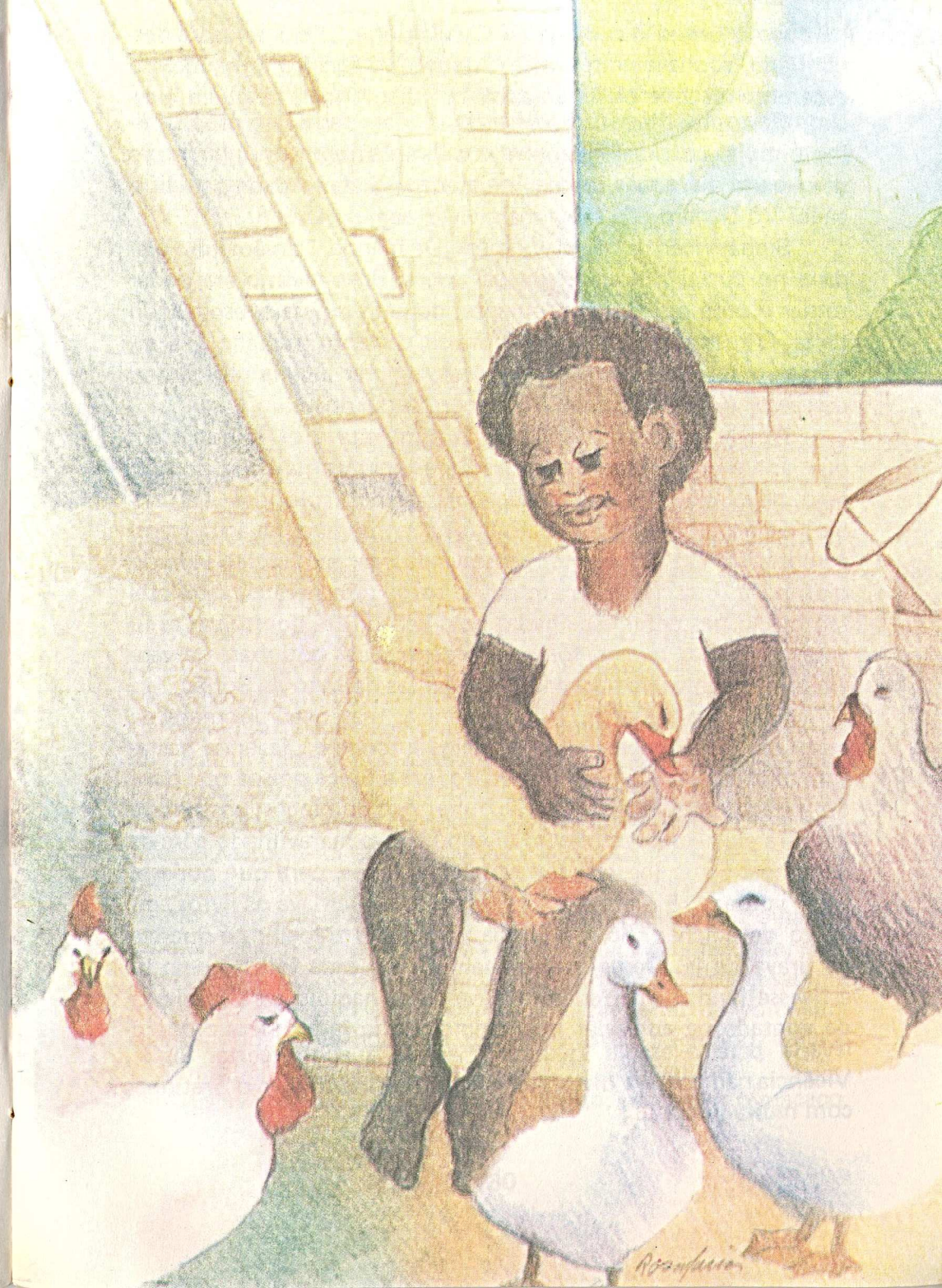
Carvãozinho aprendeu a ter nos animais os seus melhores amigos, depois de vô Genaro, é claro. Acostumou-se à presença sempre divertida de patos, marrecos, perus e galinhas, que faziam do quarto no paiol uma extensão do próprio terreiro. E, como vô Genaro brincava com eles, os carregava no colo, os imitava e lhes dava milho nas mãos!

A fazenda era um mundo enorme, onde Carvãozinho se mexia o dia todo. Logo que aprendeu a andar, saía pendurado em vô Genaro, a conhecer o grande quintal, cheio de pés de frutas que ele comia fresquinhas, apanhadas na hora.

Quando começou a correr sozinho pela fazenda, sinhá Vicência, dona das terras, quase não lhe deixava tempo livre. Estava sempre a lhe ordenar uma tarefa. Quando ficava aborrecida dizia:

— Vá trabalhar moleque. Aqui, ninguém come de graça, não! E eu não estou para sustentar filho de mãe sem juízo, que larga filho prá outro criar. Anda, vai logo!

O velho Genaro, empregado que era, nada podia fazer para calar a patroa. Procurava, então, uma forma de consolar o seu pretinho entristecido. Repetia para ele a estória que tinha inventado. Um dia a mãe viria buscá-lo. Ela trabalhava em um circo e vivia viajando para lugares muito distantes. Por isto, não podia cuidar direito do menino. Assim, pedira ao velho para tomar conta dele até ficar rapaz. As palavras de vô Genaro acendiam



de novo o brilho dos olhos de Carvãozinho. E ele, embora desconfiado, sonhava com a mãe. Até que vô Genaro tinha mesmo esperança de que ela aparecesse um dia. Afinal, ninguém é assim, tão sem sentimentos. Abandonar para sempre o próprio filho é muita crueldade, pensava o velho. Entretanto, tinha receio de que um dia, a mãe do menino aparecesse de verdade para buscá-lo. Vô Genaro não sabia mais viver sem o menino.

Sinhá Vicência não dava folga. De manhã, Carvãozinho ajudava no curral a tirar o leite das vacas. Bom mesmo era poder tomar o leite quente e espumante, do jeito que saía, espirrando forte. O resto do dia passava depressa, de tanto trabalho a fazer, varrer o terreiro, tratar dos porcos, segurar a cana para moer, descascar o milho, colher frutas para fazer doces.

Apesar de tudo, Carvãozinho aproveitava os minutos em que sinhá Vicência estava distraída e passeava na beira do córrego, seguindo a dança das borboletas multicoloridas. Ou, então, parava a observar os peixinhos nadando livres na água transparente. De vez em quando, gostava de ficar sentado ao lado do moínho d'água. Na hora em que o sol ia alto pelo céu, refletia seu brilho nas gotas espalhadas pelo vento. Era bonito ver as figuras coloridas que se formavam dentro das gotinhas. Carvãozinho se alegrava, lembrando das gravuras do livro de Sofia.

Sofia era filha de sinhá Vicência, mas bem diferente da mãe. Era uma moça bonita e meiga e todos na fazenda gostavam muito dela. Além de vô Genaro, era a única pessoa que dava um pouco de atenção a Carvãozinho. Aos domingos, costumava ler para ele alguma estória. O menino ficava maravilhado com os desenhos. Sofia lhe emprestava alguns livros, para que pudesse ver à vontade. Ele era muito cuidadoso e guardava os livros embaixo do colchão. Só a tardinha, depois do trabalho, é que ele os tirava de lá. Demorava um tempão em cada folha, como se estivesse lendo. Vô Genaro achava graça naquilo e se admirava da vontade de aprender do menino. Sofia já prometera que o levaria para a escola, quando chegasse a época certa. Sinhá Vicência não gostava disto. Achava que a filha tratava o pretinho com muita história:

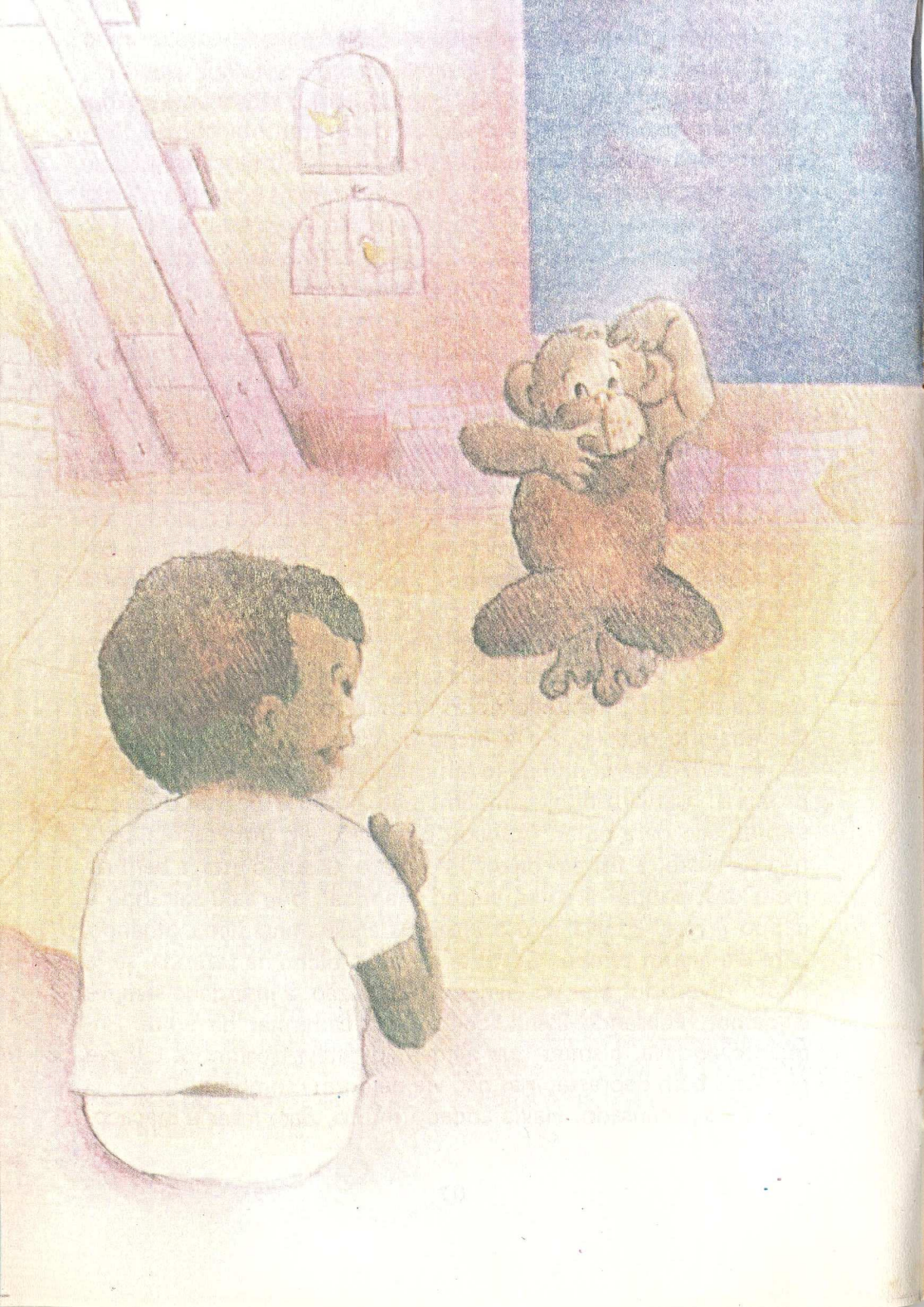
— Acabe logo com essas idéias. Se até para descascar milho e laranja ele não serve, imagine para ler.

No entanto, Sofia conhecia muito bem o interesse e a capacidade do menino, sempre cheio de perguntas inteligentes. Sem discutir com a mãe, continuava firme em sua intenção. Se fosse preciso pediria ajuda a seu pai, um homem mais compreensivo.

## II — O NOVO AMIGO

Certa vez, vô Genaro voltara do mato trazendo um macaquinho ferido. Ele havia caído de uma árvore, estava com as pernas quebradas. Vô Genaro era muito habilidoso e cuidou do macaco. Carvãozinho ajudava, segurando as bananas para ele comer. Que bicho mais engraçado. Tão assustadinho! Quando ele foi melhorando, brincava de esconde-esconde com o menino. Os dois se tornaram bons amigos. Mas a alegria não durou muito. Logo que o macaco começou a saltar e pular como podia antes, tornou-se difícil mantê-lo preso no quarto. Vô Genaro pediu a Carvãozinho que levasse o bicho de volta pro mato. Solto por ali, alguém poderia prendê-lo em gaiola, para vender na vila mais próxima. Carvãozinho, também, não gostaria de ver o amigo sem espaço para pular. Colocou o macaco em uma sacola, para não ser visto, e foi em direção ao mato. Quando estava bem no meio das grandes árvores, soltou o animal, que saiu saltando e dando gritos. Estava muito alegre. Carvãozinho ficou olhando para ele algum tempo. Gostaria de ter o bicho na fazenda, seria muito divertido. Mas vô Genaro tinha razão: a liberdade sempre é melhor. Pensando assim, começou a caminhar de volta. Enquanto andava, cismou que alguém o estava seguindo. Olhava para trás bem depressa, mas não via nem uma sombra.

Estava cansado. Havia andado muito, para levar o macaco.



Depois, precisou ajudar os empregados a bater palha de feijão até tarde. Ao chegar ao quarto, já não havia mais claridade para ver algum livro de Sofia. Não quis acender uma vela. Economizava o mais que podia, para ajudar vô Genaro. Abriu a janela e a lua clareava o céu. Levou um enorme susto. Alguma coisa pulou para dentro, de um salto só. Lá estava o macaco. Então, era ele que o estava acompanhando, na volta. Que bicho mais esperto! Carvãozinho não pôde esconder sua alegria.

Apesar de fioar solto pela fazenda, o macaco não foi mais embora pro mato. E sabia se defender muito bem. Além de vô Genaro e Carvãozinho, ninguém mais conseguia se aproximar dele. Carvãozinho escolheu um nome para o macaco. Logo, logo, ele aprendeu que se chamava Tatico. E, assim, Carvãozinho e Tatico se tornaram grandes companheiros. O macaco não saía de perto do menino. Imitava Carvãozinho e fazia muitas peraltices. Dava cambalhotas, plantava bananeira, batia palmas e gostava de dar gargalhadas. Depois de certo tempo, até ajudava Carvãozinho em algumas tarefas. Segurava as canas para moer, subia nas árvores e apanhava frutas, como também descascava milho, com muita rapidez. Tatico representava para Carvãozinho o colega de brinquedo que o menino nunca tivera. Na fazenda, não havia outras crianças. Só em fins de semana e férias, apareciam, por lá, os meninos da vila. Mas estes pareciam não gostar muito de Carvãozinho. Acontece que o pretinho não concordava com as brincadeiras deles. Eles gostavam de roubar filhotes de passarinho que viviam no telhado do quarto de vô Genaro. Também apanhavam borboletas para espetar na parede com alfinetes. Amarravam as pernas das galinhas, matavam passarinhos com bодоques, estragavam as casas das abelhas, espetavam os porcos com bambu. Enfim, só se divertiam fazendo malvadezas com os animais. Eles tinham raiva de Carvãozinho, porque ele protegia os animais. Chamava vô Genaro ou sô Antônio, marido de sinhá Vicência, para impedir as malvadezas. Tinham despeito, também, porque os bichos gostavam de Carvãozinho. Não corriam dele, pelo contrário, pulavam no colo do menino. Por isto, viviam

planejando um modo de se vingarem disto. Queriam aprontar uma com ele. Principalmente, por causa do macaco. Eles queriam pegar Tatico. Tentaram muitas vezes. Mas Tatico era mais esperto e corria. Sabia se esconder muito bem. Só Carvãozinho o encontrava.

### III – UMA TRAVESSURA DOS MENINOS

**U**m domingo, a fazenda encheu-se de gente. O padre ia celebrar uma missa na capela da varanda. Sinhá Vicência, muito agitada, dava ordens aos empregados. Queria tudo bem bonito, Carvãozinho ficou de apanhar samambaias no mato, para enfeitar o altar, junto com as flores plantadas por Sofia.

Como era linda a capela. Sinhá Vicência a mantinha sempre fechada a chave e Carvãozinho só tinha visto lá dentro pela greta da porta. Assim mesmo, foi escondido, pois só era permitido ao menino entrar na cozinha da fazenda. Naquele domingo, porém, o menino foi até lá levar as samambaias. As janelas abertas permitiam a entrada do sol, que mostrava a beleza do oratório e as cores vivas das imagens. Sofia arrumou com gosto as samambaias, flores e fitas. Carvãozinho ficou deslumbrado.

Durante a missa, os filhos dos empregados iam fazer a primeira comunhão. Eles moravam na vila e haviam aprendido o catecismo na escola. Sofia explicou a Carvãozinho que ele também iria aprender o catecismo. E fazer a primeira comunhão. No próximo ano, entraria para a escola. O menino pulou de alegria. Só esperava que o ano passasse bem depressa, para chegar sua vez de ir às aulas. Queria muito saber ler.

A missa foi uma beleza. Todos os meninos de roupa branca, cantando juntos, fizeram uma fila pela varanda e um a um rece-

biam a hóstia. Vô Genaro disse a Carvãozinho que a hóstia representava Deus, o pai de todos, das pessoas, dos animais e das plantas. Carvãozinho imaginava Deus flutuando sobre as núvens, como tinha visto numa gravura. Queria também receber a hóstia e entender Deus.

Os meninos aproveitavam o amontoado de gente, para abusar de Carvãozinho. Fizeram um rabo de folha seca de banana, torceram a folha, amarraram com barbante e prenderam na roupa do menino, sem que ele percebesse. No final da missa, quando todos saíam pela varanda, foi uma gargalhada geral. Carvãozinho não sabia de que riam tanto. Só quando Sofia arrancou aquilo de sua roupa, foi que ficou vermelhinho de vergonha. Mas, em vez de chorar, começou a rir, como se achasse graça na brincadeira. Sua reação deixou os meninos com mais raiva ainda.

### IV – A ESCOLA

**L**ogo que passou o natal, Sofia contou que as aulas já estavam chegando: daí a dois meses. Carvãozinho já não aguentava esperar. Toda manhã, olhava a roupa que vô Genaro lhe dera de presente. Que uniforme mais arrumadinho. Ele nunca vestira uma roupa nova assim.

Enquanto esperava pelas aulas, acompanhava as novidades da fazenda. Certo dia, descobriram no paiol uma cobra enorme. Há muito tempo, os ratos que roíam o milho, amontoado após a colheita, estavam diminuindo. E, só agora, sô Antônio encontrava a razão. A cobra acabava com eles. Os empregados ficaram amendrontados e queriam matá-la. Mas sô Antônio não deixou. Era uma jiboia, não venenosa. Não haveria perigo. Bastava não mexer com ela e deixar que continuasse guardando o milho.

Carvãozinho ficou dias a vigiar a cobra para ver como pegava os ratos. Ele ficava intrigado. Aquele bicho comprido, sem braço e sem perna. Como seria? Carvãozinho ficou até paralisado, quando viu o bote da cobra. Ela pulou em cima do rato e o engoliu inteiro. Seu pescoço engrossou e o menino viu a saliência do corpo do rato passando dentro da cobra, até sumir. Só, então, ela se escondeu, imóvel.

Sô Antônio era um homem legal. O que ele falou era verdade. E o menino entendeu que os ratos só davam prejuízo, não eram animais amigos, como os de vô Genaro. Ninguém devia, pois, protegê-los e salvá-los.

A manhã estava fria. Lá fora os animais se achavam recolhidos e as árvores envoltas num véu esbranquiçado e úmido. Carvãozinho se encontrava à janela. Queria que o sol brilhasse atrás do morro e desmanchasse a névoa, descobrindo o verde das folhas e secando a terra. Estava aflito. Chegara o dia de ir à escola pela primeira vez.

Que beleza! Carvãozinho gostou muito da professora. Tinha um jeito de Sofia. Contou estória. Repartiu merenda, cadernos e lápis. Ensinou umas letras e uns números desenhados num cartaz. Carvãozinho estava feliz, agora ele iria começar a entender os livros de Sofia.

Sinhá Vicência não tinha mais argumento para tirar o menino da escola. Ele aprendia depressa e tirava ótimas notas. Já no primeiro ano, começou a ler, tamanha a sua vontade. Nos momentos de folga, estava sempre com os cadernos e livros nas mãos. Desejava muito conhecer e entender as coisas e o mundo. Era muito, muito curioso. Vô Genar ficava olhando seu pretinho, lendo e escrevendo, e se sentia muito orgulhoso.

Como de costume, Carvãozinho vinha da escola caminhando devagar pela estrada. Fazia hora para não chegar muito depressa na fazenda. Sabia que sinhá Vicência inventava logo um serviço para ele. Às vezes, parava e, com um pauzinho de ponta fina, desenhava na areia os brinquedos que via nos livros. Como desejava brincar com eles de verdade! Ali na fazenda só brincava com os bichos e com alguns objetos que ele mesmo inventava. Aproveitava sementes, pedaços de madeira e barro. Também fazia carros de boi com sabugo de milho. Era o brinquedo de que o Tatico mais gostava. Os dois disputavam corridas para ver quem conseguia puxar os carrinhos sem estragá-los. Mas Tatico saía feito louco e acabava quebrando alguma coisa. Depois, olhava desconfiado para Carvãozinho, muito sem graça pelo que havia acontecido. O menino se divertia com a cara do macaco, que também acabava dando boas gargalhadas.

Ao chegar à fazenda aquela tarde, Sofia já estava à sua espera. Levou o menino até seu quarto. Ele se assustou com o espelho pendurado na parede. Arregalou os olhos, puxou as orelhas, pôs a língua para fora. Logo entendeu que aquele lá era ele mesmo. Sofia se derretia de tanto rir do espanto de Carvãozinho. Ela não sabia que ele nunca tinha visto um espelho antes, e mandou que se assentasse em frente, para se acostumar.

Sofia conversou bastante com ele. Finalmente, contou-lhe que iria viajar naquele dia para uma cidade longe dali. Precisava ficar num colégio, para formar-se professora. E falou que ainda daria aula para Carvãozinho. Deu-lhe uma caixinha com doze lápis de cor e outros livros de estória.

Carvãozinho saiu dali com os olhos cheios de lágrimas. Sofia, também, escondeu o rosto, depois de lhe dar um beijo na testa. Disse que voltaria algumas vezes para passear, talvez nas próximas férias. Carvãozinho não sabia ainda o que era saudade, só agora começava a sentir essa coisa estranha dentro do corpo.



Sofia estava tão linda. Com um vestido cor de rosa, um lenço no pescoço. E o cabelo comprido voava na janela do carro que viera buscá-la. Ela deu adeus para Carvãozinho. Sinhá Vicência ficou chorando. Todos gostavam de Sofia e aquela noite ficou um vazio enorme no coração de toda a fazenda. Ficou a saudade parada no ar.

Carvãozinho sentiu muito a falta de Sofia, até escreveu uma trova para ela em seu caderno de linguagem. A trova era assim:

— Sofia é muito bonita,  
Dela só posso gostar,  
Em seu rosto a alegria,  
Está sempre a enfeitar.

Ele tinha aprendido a escrever aquelas palavras com rima no livro das primeiras poesias. Ele queria fazer uma carta para Sofia, mas não sabia como enviar. Talvez ainda tomasse coragem e, então, pediria ajuda à professora. Ela viajava sempre e podia, quem sabe, levar a carta para o correio da cidade. Mas o menino era muito tímido e pensava que seria dar muito trabalho à professora.

Sem Sofia na fazenda, sinhá Vicência ficou mais implicante. Ralhava com Carvãozinho por qualquer coisa. E quase não lhe deixava tempo para fazer as lições de casa. Vô Genaro tinha dó do seu pretinho e fazia algumas das tarefas ordenadas a ele, sem que sinhá Vicência percebesse. Só desta maneira, Carvãozinho podia estudar um pouco.

## VI — OS CIGANOS

**D**a fazenda avistava-se uma estrada. Lá passavam, às vezes, alguns ônibus, caminhões e outros carros. Quase sempre a-

pareciam pessoas diferentes, vindas da estrada. Uns chegavam até a porteira, interessados em queijos e doces. Outros pediam ajuda, quando o carro estragava. Sô Antônio recomendava cuidado, pois no mundo há também muita gente ruim. Carvãozinho imaginava as pessoas perigosas, como o lobo do estória de Chapéuzinho Vermelho, mas não sabia direito como tomar cuidado. Era difícil perceber a maldade nos estranhos. Uma vez chegaram uns ciganos. Eles queriam ordem de sô Antônio para acampar por ali. Sinhá Vicência não queria que eles ficassem. Dizia que eles eram preguiçosos a vagabundear pelo mundo. Além disto, tinham fama de ladrões de cavalos. Carvãozinho ficou com medo de que lhe roubassem o macaco. Apesar de todo falatório de sinhá Vicência, sô Antônio resolveu dar uma chance aos ciganos. E eles acabaram ficando uns cinco dias nas proximidades da fazenda. Armaram tendas de lona e se ajeitaram. Ainda assim, sinhá Vicência mandava todos se recolherem à tarde e fecharem bem as portas. O pessoal só obedeceu as ordens no primeiro dia. Logo confiaram nos ciganos e ficaram mais à vontade.

Carvãozinho foi aos poucos chegando até as barracas. Ficou parado a reparar as roupas coloridas deles. As crianças vieram logo conversar. Eles tinham um jeito bonito de falar, meio cantado. Mulheres da região também apareceram por lá, para saberem da sorte com as ciganas. Os homens tinham vontade, mas ficavam envergonhados e não iam. À noite eles tocavam música e as mulheres cantavam. Carvãozinho ficou encantado com a dança, as saias voando em volta da fogueira. Ficou pensativo. Aquela vida assim, viajando, devia ser muito interessante. E eles eram tão alegres. Até Tatico batia palmas e pulava, ao som das músicas.

Esta nova convivência acendeu um desejo em Carvãozinho. Viajando com os ciganos, poderia conhecer muitos lugares e, quem sabe, encontrar sua mãe. Procuraria por ela em todos os circos que passasse. Chegou a pensar em seguir os ciganos. Mas gostava muito da fazenda, da escola, de vô Genaro e de Sofia. Além deles tinha o Tatico e todos os outros bichos. Ele não sabia viver sem tudo isto. Só se fosse possível colocar tudo num

tapete mágico, como das estórias, e viajar junto. Por outro lado, ele percebia que, como falava vô Genaro, a mãe não demoraria a vir procurá-lo. Estava quase um rapaz.

## A VII – O ADEUS A VÔ GENARO

As férias passaram e Sofia não apareceu. Sinhá Vicência é que foi até onde ela estava. Ficou por lá alguns dias e trouxe uma encomenda para Carvãozinho. Era um presente muito interessante. Um jogo de damas. Sofia mandou também um cartãozinho. Por fora, havia um palhaço com uma flor e, por dentro, Sofia escreveu uns versinhos lindos. O menino sentia muitas saudades dela. Aprendeu a manejar o jogo com a professora e ensinou a vô Genaro a jogar também. Mas, o velho sempre perdia. Certas ocasiões, Carvãozinho amolecia o jogo de propósito. Vô Genaro ficava satisfeito e fingia não notar a manobra.

Um dia, ao chegar das aulas, Carvãozinho estranhou o amontoado de gente perto do paiol. Ao entrar, todos olhavam para dentro do quarto de vô Genaro. Ele desconfiou. Vô Genaro estava imóvel sobre a cama. Carvãozinho chamou por ele. Uma, duas, três vezes. Não queria entender a dura verdade:

— Fala comigo, vô, fala.

Lembrou então do velho pássaro-preto. Quando caiu deitado e não mais cantou. Percebeu que ia ficar sem seu vozinho. Ficou, ainda, olhando o rosto dele, esperava que se mexesse. Seus olhos estavam molhados. Chorava baixinho. Alguém quis tirá-lo dali. Mas ele não saiu. Depois, na hora do enterro, pensou comovido: “perdi meu amigo e pai”.

Agora, como ficar no quarto vazio? Como fazer sem as palavras, o carinho e os conselhos?

A princípio, Carvãozinho estava muito confuso. Sentia-se



perdido. À tardinha, a tristeza era ainda maior. Sentado na porta do paiol parecia ver o avô na sua lida. Todo dia, quando começava a anoitecer, chegava de mansinho. Vinha sempre com alguma fruta gostosa. Nessas horas tristes, Carvãozinho lia a carta de Sofia. Ela escrevera coisas tão bonitas. Pedia a ele para continuar indo à escola. Que procurasse levar a mesma vida de sempre. Em pouco tempo, ela voltaria, e poderia, assim, ajudá-lo de perto. Sentido-se só, Carvãozinho apegou-se a seu macaco. E se comunicavam em gestos e olhares. Tatico, só ele, conseguia fazer o menino sorrir.

Quando se achava cheio das implicâncias de sinhá Vicência, tinha vontade de ir embora. Sonhava que a mãe estava chegando. Todo mundo ia ver como sua mãe era legal. Só ela poderia livrá-lo daquela situação. Sinhá Vicência já estava a ponto de exigir que abandonasse a escola. Ordenava trabalhos e mais trabalhos, o dia todo. Também os meninos da vila lhe aprontavam muitos desgostos. Não restavam mais ninhos de passarinho no paiol. Eles roubaram tantos filhotes, que as aves não vinham mais. Além disso, não se cançavam de perseguir o macaco Tatico.

## VIII – O ROUBO

**A**inda restava a Carvãozinho um pouco de entusiasmo. Era pelas coisas que aprendia na escola. A cada dia ficava mais sabido, até a professora gostava de ensinar para ele. A única dificuldade era deixar Tatico preso no quarto, enquanto ia às aulas. Agora, sinhá Vicência implicava com o bicho. Estava difícil deixar o macaco solto. Sofia podia tanto voltar, pensava o menino. Ela poderia defendê-lo da mãe autoritária.

Era tempo de laranjas. Carvãozinho passava o dia todo na

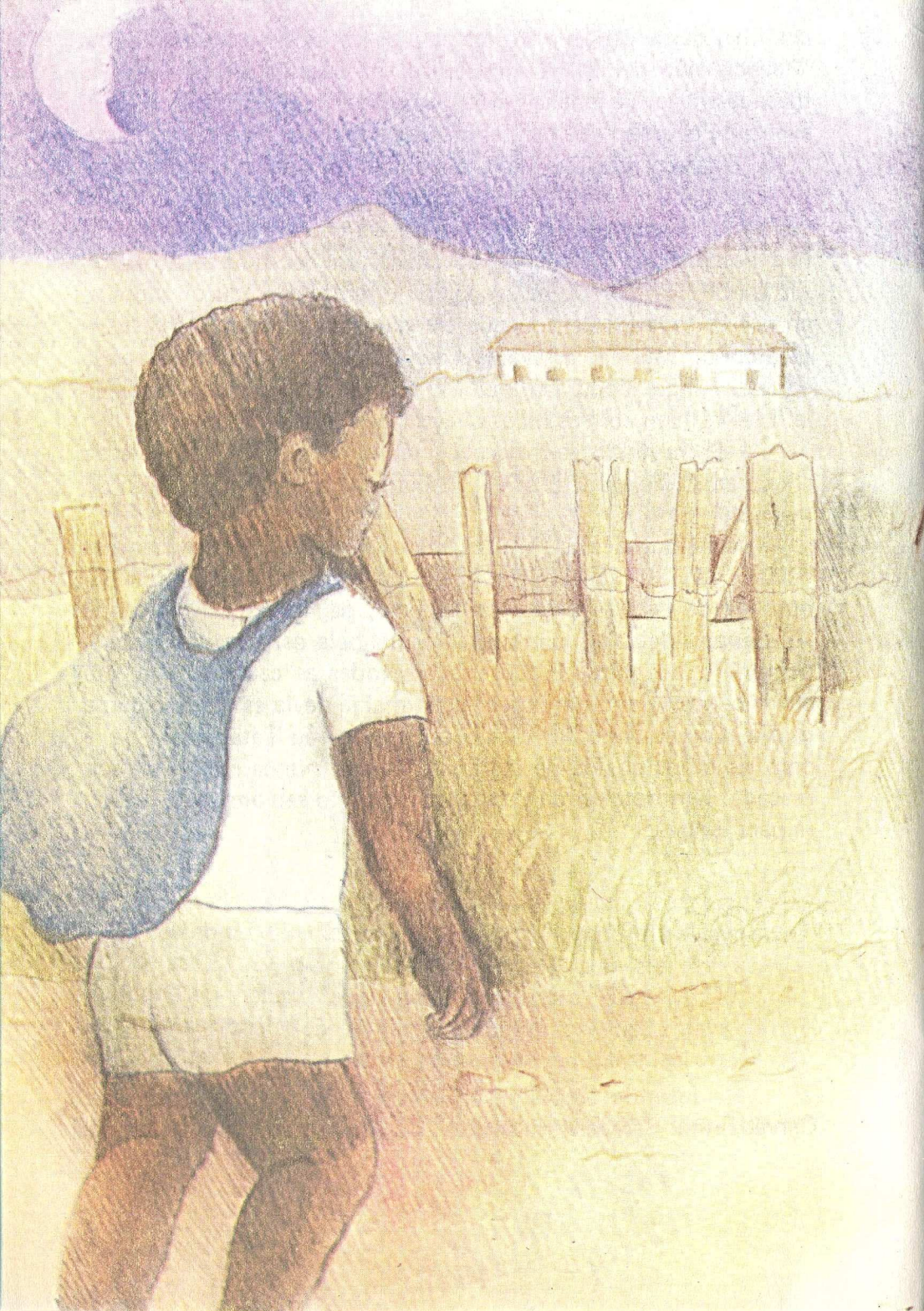
cozinha, descascando as frutas para os doces cristalizados. Sinhá Vicência não deixava Tatico entrar na casa. Vez por outra, o macaco chegava à janela, perto do fogão, e ela o enxotava com o avental. Foi assim que os meninos conseguiram, finalmente, agarrá-lo. Ficaram embaixo da janela e quando sinhá Vicência o empurrou, eles enfiaram um saco sobre o bicho. Abafaram o macaco, amarrando a boca do saco, para ele não gritar. Carvãozinho não desconfiou. Só à tarde, ao chegar em seu quarto no paiol, estranhou. Tatico não estava lá como sempre. Procurou o macaco por todo lado. Pensou que ele estivesse brincando de esconde-esconde. Mas não estava. Revistou todos os cantos da fazenda e nada. Ainda procurava, quando apareceram os meninos da vila. Eles vinham com as mãos cheias de balas e disseram:

– Procurando seu macaco? Olha ele aqui. Virou bala de chocolate. Não quer provar? É bem melhor do que cheiro de macaco.

Carvãozinho ficou aflito. Logo percebeu que os meninos haviam vendido seu amigo. E, com o dinheiro, compraram saquinhos de balas. Foi até seu quarto, pegou um dinheiro que vô Genaro deixara guardado. Seguiu pela estrada, decidido a comprá-lo de volta. Procuraria em todas as casas da vila, até achar o novo dono de Tatico. O animal já devia estar em alguma gaiola. Carvãozinho foi direto ao bar do seu Tatão. Saiu de lá com os olhos cheios de lágrimas. Talvez, nunca mais visse seu macaco. Um homem da Capital comprara o seu amigo. E o levaria para longe.

## IX – A FUGA

**A**fazenda estava insuportável. Não havia ali paz para Carvãozinho. Sem entusiasmo, o menino já não tinha o mesmo



brilho dos olhos de antes. E estava magrinho como um palito. Não tinha interesse nem para comer. Só queria pensar, imaginar que a mãe aparecia. E sonhava, sonhava. Nem a presença de Sofia, que chegara para o Natal, reanimou o pretinho. Ela trouxera para ele um livro de presente. Era uma estória de circo. Figuras coloridas na página inteira. Brilhante, um papel muito bonito. Carvãozinho ficou ainda mais sonhador. Imaginava a mãe vestida de bailarina. Como gostaria de conhecê-la!

Sofia voltou preocupada. Sabia que sua mãe não entendia o menino. E só agravava a situação. Em longas conversas com Carvãozinho, falou sobre a esperança.

— A esperança é um sonho que a gente tem. E que procura transformar em realidade. Você vai ter um futuro melhor. É inteligente. Deve continuar estudando. Só desta forma, pode deixar um dia a fazenda. Arrumar emprego na cidade e conhecer novas pessoas. Muitas vão gostar de você, assim como eu gosto.

Mas, com Sofia foi embora o pouco de esperança que ele tinha. Ela era uma esperança, Carvãozinho entendeu. Ela ensinou o menino a compreender muitas coisas. A entender, por exemplo, que sinhá Vicência não tinha intenção de maltratá-lo. Era apenas uma pessoa rude, sem esclarecimento. Não sabia o que era diversão, não sabia apreciar a beleza da fazenda. Tinha sido educada para trabalhar pesado. Então, exigia de todo mundo muito trabalho, por não saber aceitar as diferenças entre as pessoas. Sofia ainda falou sobre os meninos da vila. Eles também não tinham aprendido a conviver com os animais do jeito de Carvãozinho. Não encontraram uma pessoa como vô Genaro, para mostrar-lhes a amizade e os sentimentos dos bichos. Não pensavam que bicho também sente dor, tem alegria, reconhece pessoas amigas, enfim, que é uma criatura viva como eles próprios, os meninos. Carvãozinho entendeu que os meninos tratavam os animais como se fossem brinquedos, objetos que podiam comprar, quebrar, jogar fora, usar e abusar. Talvez, um dia ainda pudessem mudar de idéia e entenderiam por que Carvãozinho protegia os bichos. Sofia conseguiu desmanchar a raiva que crescia

dentro de Carvãozinho. O menino começou a compreender os motivos das pessoas e, assim, a raiva não era mais necessária.

As palavras de Sofia ficaram em sua cabeça, como sementes plantadas na terra. E faziam brotar muitas idéias. Uma coisa ficou clara para ele. Sua mãe devia ter motivos para deixá-lo com vô Genaro e ficar a correr o mundo. Se ela não queria vir buscá-lo, ele poderia tentar encontrá-la. Era agora um menino sozinho, sem família. A fazenda não tinha mais atrações. Sinhá Vicência não iria nunca entender suas necessidades. De onde estivesse, poderia escrever a Sofia, que saberia compreender tudo. Pensou bastante e resolveu fugir. Se fosse explicar a sinhá Vicência por que queria ir embora, ela não permitiria. Era melhor sair sem ser visto.

Esperou pela noite, debruçado à janela. Quando já era bem tarde e, no meio da escuridão, só brilhavam os vagalumes e as estrelas, o menino saiu de mansinho. Levou apenas uns livros, presentes de Sofia, debaixo do braço. Não precisava andar muito para alcançar a estrada. Poderia fazer como os meninos da vila. Pedir carona para qualquer lado. E a esperança que Sofia lhe ensinara batia em seu peito. O frio aumentava e as roupas velhas deixavam entrar o vento pelos remendos. Era já madrugada e os poucos carros que passaram pareciam não vê-lo. Carvãozinho rezava para que não amanhecesse. Não queria retornar e, com o dia claro, os empregados da fazenda começariam a passar. Não queria ser encontrado naquela situação.

## X — A SURPRESA

**U**ma moça diferente oferecia-lhe um caneco de leite. Era uma bailarina de verdade ou estava sonhando como a Alice no País das Maravilhas? Será que o menino havia entrado

numa página de livro? Não, o leite molhava sua boca de verdade. Seus olhos foram percorrendo tudo. Era a carroceria de um caminhão. Coberta de lona. Dentro, camas de armar amontoadas, pilhas de roupas e outros badulaques. A moça percebeu a interrogação no rosto do pretinho. Suavemente, foi explicando tudo. Carvãozinho fora encontrado de manhãzinha na estrada. Havia desmaiado, talvez de fome e frio. Começou a fazer-lhe várias perguntas. Carvãozinho foi contando sua história devagar. Explicou que estava à procura da mãe. Enquanto conversavam, ele foi percebendo o movimento lá fora. Estavam terminando de armar um circo. Ele nem acreditava. Que paraíso, era felicidade demais. Quis levantar, mas a moça recomendou que ficasse ainda deitado. Havia trazido frutas e pão. Ele comeu como nunca, faminto. Falou para a moça sobre sua mãe, ela também trabalhava em um circo. Por isto, ele desejava continuar com eles. Poderia ajudar em alguns serviços. A moça disse que o dono do circo é que poderia resolver. Depois conversariam. A esperança de Carvãozinho aumentava, mas também o medo. Se não acreditassem nele, o que fariam?

Quando pôde sair, o menino ficou maravilhado. Em sua imaginação achava que era o circo do livro de Sofia. Nem percebia a enorme diferença. Seus olhos não enxergavam os remendos na lona do picadeiro, os caminhões muito antigos e as jaulas enferrujadas. Seu entusiasmo enfeitava o circo.

Na noite seguinte, haveria o primeiro espetáculo. O dono, convencido pela bailarina, decidiu acreditar no menino. Falou que ia pensar num trabalho para ele. Mais tarde, alguém entregou-lhe uma roupa azul e um bonezinho. Ele ia ser o novo baleiro.

As pessoas faziam fila lá fora. As luzes brilhavam em volta. Carvãozinho recebeu um tabuleiro de pirulitos. Estava muito emocionado. Outro menino, também baleiro, ia ensinar como vender, oferecer as coisas aos meninos. Era preciso percorrer a platéia. Oferecer bem alto a mercadoria:

— Olha o pirulito! Doce-puxa no palito! De mel, chocolate

e frutas! Uma delícia!

Estava radiante. Enquanto trabalhava, arriscava o olho nuns lances do espetáculo. Que bonito. Os trapezistas, o conjunto tocando música, os cavalos ensinados, as bailarinas.

Era a vez dos palhaços, que divertido! A criançada pulava. Todos rindo, comendo pirulitos, pipocas. Alguns seguravam balões coloridos ou sopravam **olho-de-sogra**. Tudo era novidade.

Um bando de macaquinhos surgiu de trás do palco. A criançada vibrava. Eles vinham fazendo muitas macaquices junto aos palhaços. De repente, um dos macacos saiu pulando e saltou no tabuleiro de pirulitos de Carvãozinho. O palhaço ficou aflito. Tentava dominar o espetáculo, mas não conseguia. A platéia dava gargalhadas. O número foi incrível. Carvãozinho meio tonto, assustado, reconhece Tatico. E pula com o macaco para dentro do palco. Com a aflição do palhaço, vão divertindo as crianças. Assim, acabaram dando um show de sucesso. Carvãozinho tornou-se um dos palhaços do circo, junto a seu macaco. Não era mais um menino sozinho. O circo era sua nova família.

E assim, começou a viajar mundo afora, sonhando um dia encontrar a mãe.

Instituto René Rachou  
IRR  
Biblioteca do IRR

Ficha de Empréstimo

Schall, Virginia. **Carvãozinho**. Belo Horizonte:  
Comunicação, 1984. 24 p.

**028 S298c 1984 Ex. 01**

**Tombo 018319**

Devolução	Leitor/Fone	Assinatura